

A MULHER E O MAL

A Anima Negativa, o Mito de Lilith e a Santa Inquisição¹

José Eliézer Mikosz²

RESUMO: O propósito de escrever este artigo foi lançar um olhar provocador sobre alguns preconceitos históricos do homem diante da mulher. Por sorte nem todas as civilizações nutriram esses preconceitos quanto ao feminino. Há civilizações que foram de base matriarcal, mas, mesmo hoje, ainda assistimos a luta da mulher para se afirmar diante de um mundo ainda desigual nas suas relações masculino/feminino. Um estudo bem maior e mais sério pode ser feito, mas os relatos sucintos aqui podem dar uma ideia, talvez até mostrar algumas raízes, de alguns desses preconceitos.

Palavras-chave: mulher; mal; preconceito; *anima*; Lilith

ABSTRACT: The purpose of this paper is to cast a provocative gaze upon some historical prejudices of the man about the woman. Fortunately not all civilizations nurtured such prejudices as the feminine. There are civilizations that were matriarchal, but even today we still see the struggle of women to assert themselves in the face of a still unequal world in their male / female relations. A much larger and more serious study can be done, but the succinct accounts here may give some idea, perhaps even some roots, of some of these prejudices.

Keywords: woman; evil; prejudices; *anima*; Lilith

INTRODUÇÃO

Os homens dominaram a cultura do mundo tanto no ocidente como no oriente por milênios, com raras exceções. O presente artigo faz uma breve investigação de algumas projeções negativas do imaginário masculino diante do mistério feminino, baseando-se nos mitos e relatos presentes em algumas civilizações antigas. Já na cultura grega, da qual herdamos o amor ao conhecimento, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, como vemos na *República* de Platão:

E conheces algum ofício exercido por seres humanos em que o sexo masculino se não avante sob todos estes aspectos ao feminino? Ou vamos perder tempo falando da arte de tecer e do preparo de pastéis e guisado [...]

¹ Este artigo nunca foi publicado oficialmente, apesar de disponibilizado pelo autor na internet desde 2007.

² Pós-doutorado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Membro do CIEBA – Centro de Investigações em Belas Artes da mesma Faculdade. Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pelo PPDICH da UFSC. Artista multimídia, pesquisador em Arte e Estados Não Ordinários de Consciência, professor associado da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Curitiba 1 – Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAAP). E-mail: antarm@gmail.com

Ou no *Capítulo II da Política de Aristóteles*: “Entre os sexos também, o macho é por natureza superior e a fêmea inferior”. Mas a “natural” inferioridade feminina do mundo grego não parecia ser algo tão perturbador, o problema maior é que no mundo judaico-cristão principalmente,³ as mulheres representaram a tentação, o lado sombrio e negativo do ser humano, eram como verdadeiras *pedras de tropeço* no caminho do homem. A bíblia cita vários trechos sobre essa característica da condição feminina:

[...] juízo que ainda procuro, e não achei. Entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei nem sequer uma.⁴ (...) As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo.⁵

O homem, apesar de sua “superioridade”, cai facilmente nas tentações femininas, pagando o preço por sua cumplicidade. A mulher cedeu às tentações da Serpente,⁶ esta que, enfim, não estava propriamente mentindo no mito bíblico:

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e a árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu.⁷ (...) Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente [...].⁸

O lado feminino se torna assim capaz de chegar mais perto de algo insólito, algo que o mundo masculino, por si só, parece não ter o poder de se aproximar e/ou desafiar. De onde vem a ideia dessa superioridade masculina? Seria pelo fato de uma maior força física, domínio de algumas técnicas aprendidas pelo mundo enquanto estava reservado para a mulher o cuidado com a prole e também com os pastéis e guisados, conforme comentou Platão? E isso, sendo também essencial, seria inferior em que medida? Não nos propomos a entrar nesta discussão, mas trataremos aqui de alguns mitos que foram herdados dessa

³ Há também restrições em algumas religiões vindas do Oriente: Os lamas que atualmente ensinam internacionalmente se confrontam constantemente com perguntas sobre sexualidade e, por esta razão, houve uma série de mudanças na tradição que permitiram mulheres serem instrutoras ou administradoras, mas de toda forma, inclusive no ocidente, as organizações Budistas normalmente estão dominadas por homens (OJODEAGUA Vol. IX).

⁴ ECLESIASTES 7.28.

⁵ EFÉSIOS 5.22.

⁶ Lúcifer é, como seu nome indica, o Portador da Claridade, o Anjo de Luz que deve libertar o homem da servidão cruel do Criador; é ele que, no jardim do Éden, tomou a forma da serpente [...] (TÖPFFER, p. 11). Apesar de que alguns estudiosos, por razões que fogem ao escopo do presente trabalho, procuram fazer a distinção entre Satanás e Lúcifer, ficando essa discussão para outro momento.

⁷ GÊNESIS 3.6.

⁸ Ibid 3.22.

combinação de filosofia e religião. Olharemos do ponto de vista dos conceitos de Jung, as possíveis projeções masculinas, os medos, inveja e ciúme do feminino.

A ANIMA NEGATIVA

Desde a idade média diz-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”.⁹ Este é o elemento que Jung chama de *anima*, a *mulher interior* do homem.¹⁰ A *anima* está associada a tendências psicológicas femininas na psique masculina, como os estados de humor instáveis, irracionalidade, a capacidade de amar, a sensibilidade e ao relacionamento com o inconsciente, entre outras. A mulher esteve associada ao encontro com o irracional, não é à toa que sempre esteve no papel de sacerdotisas, estabelecendo o contato do homem com os deuses e deusas. A forma de manifestação da *anima* é determinada geralmente pela mãe do indivíduo. Um relacionamento incerto e de influência negativa, pode gerar traços irritadiços, depressivos, inseguros e mal-humorados. Tais manifestações podem levar o homem à insatisfação profunda, doenças, acidentes ou até mesmo a desejos suicidas. Fazendo um chiste, podemos dizer que a *anima negativa* é a mulher interna no homem com uma forte crise de TPM, influenciando, portanto, alguns tipos de comportamento negativo (até aí o elemento feminino leva a culpa!).

Outra forma da expressão da *anima negativa* é aquela que envolve os homens num jogo intelectual destrutivo, impedindo o contato direto deles com a vida. Eles pensam tanto a respeito da existência que não conseguem vivê-la de forma espontânea. É uma falsa forma de controle, uma forma de chamar atenção sobre si e ter algum prestígio através de uma falsa lucidez. Não que o intelecto não expresse verdades e não seja importante, mas, no caso da *anima negativa*, é a diferença entre o conhecimento livresco e o verdadeiro conhecimento, aquele vivido pelo indivíduo verdadeiramente nas suas experiências. Ele está preso a um mundo de enigmas onde não consegue encontrar as respostas. Mas é na fantasia erótica que a *anima negativa* se manifesta com mais frequência. É a pornografia de modo geral. Porém, sendo esta destrutiva apenas quando o homem não consegue se relacionar afetivamente.

⁹ JUNG 1964, 31. Todas as menções sobre as características da *anima* presentes neste trabalho são junguianas.

¹⁰ O caso inverso, o homem interior da mulher, chama-se animus.

Esses traços todos são projetados pelo homem no mundo como a *sombra*¹¹ e, naturalmente, nas mulheres de verdade aqui fora. O homem pode assim apaixonar-se perdidamente ao avistar uma mulher pela primeira vez. Ele sente como se a conhecesse a vida toda:

Mulheres cujo aspecto lembra um pouco a figura de “fada” atraem especialmente estas projeções da anima porque os homens conseguem conferir qualidades sem conta a criaturas fascinantemente nebulosas, em torno de quem podem tecer as mais variadas fantasias.¹²

Nem sempre isso se deve a projeções de uma *anima negativa*. Temos que separar projeções, sombras, do que é só interesse instintivo de um homem saudável por uma bela mulher. Há também diversos aspectos positivos na *anima*. Ela é algo para ser realizada internamente, algo parecido com que os místicos chamam de *casamento alquímico*. Ela está além do raciocínio lógico masculino, facilita o contato da mente masculina com um mundo mais intuitivo e de valores positivos internos:

É como se um rádio interno fosse sintonizado [...] esta recepção ‘radiofônica’ interior, a *anima* assume o papel de guia, ou de mediador, entre o mundo interior e o self. [...] é como surge no papel da Beatriz, do *Paraíso* de Dante, e também no da deusa Isis, ao aparecer em sonhos a Apuleius, o famoso autor de *O Asno de Ouro*, iniciando-o em uma forma de vida mais elevada e espiritual.¹³

A função positiva da *anima*, muitas vezes se expressa quando o homem a fixa de alguma forma, como na arte. Ali a *anima* tem uma função como a das Musas. Ou seja, o homem pode viver sua alma em totalidade ou então numa divisão doentia e dolorosa. Neste ensaio, buscamos descrever dois exemplos, um mais simbólico, o mito de Lilith, outro, mais efetivo, a Santa Inquisição, que podemos considerar uma das maiores *pestes emocionais*, no conceito *reichiano* do termo, onde o homem insatisfeito projetou sua agressividade sobre a mulher.

¹¹ Conceito junguiano que se refere aos lados recônditos, obscuros da personalidade humana que podem se tornar obstáculos para a auto-realização se não forem integrados.

¹² JUNG 1964, 180.

¹³ Ibid, 183.

O MITO DE LILITH

[...] para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.¹⁴

O mito de Lilith, rico de enigmas e contradições, é uma das versões do Gênesis que tem se popularizado nas últimas décadas, ele faz parte dos textos da sabedoria rabínica definida na versão *jeovística*, que se coloca lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, a versão bíblica dos sacerdotes.¹⁵ Lilith foi a primeira mulher de Adão. Simbolicamente ela “retorna” agora junto com os movimentos feministas recentes, combatendo a chaga do domínio masculino sobre a *inferioridade feminina*. Lilith não nasceu de uma costela do Adão, mas foi criada do mesmo modo que ele. Porém Deus usou fezes e imundície ao invés do pó puro.¹⁶ Lilith nasce logo após Adão junto com os répteis e demônios no sexto dia da criação.

Os animais, de modo geral, realizam o ato sexual voltados um para as costas do outro: “[...] afora três, que se unem cara a cara, porque a Presença divina lhes falou, e são o homem, a serpente e o peixe”.¹⁷ Adão já havia consumado sua relação com Lilith, o que bem representa o arquétipo da relação homem-mulher. No entanto, ela negava-se se submeter ao homem. No ato sexual, ela quer ficar sobre o Adão: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual”.¹⁸ Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Adão não aceita, ela deve estar simbolicamente *sob ele*, suportar o seu corpo. Existe aí um imperativo que não se pode transgredir.

A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão. É a ruptura do equilíbrio. Lilith se afasta pronunciando irritada o nome de Deus e acusando Adão. Este se sente abandonado e tem medo, a escuridão o oprime. Adão reclama para Deus. A mulher desafiou o homem e, portanto, o divino. Deus insiste para que ela volte, *o desejo da mulher é para o marido*, mas ela não obedece. Lilith é então transformada em um demônio, símbolo do pecado, da transgressão e da astúcia, condenada a um destino de sofrimento, mas também de sabedoria típica dos demônios... No livro *Lilith*, Sicuteri transcreve:¹⁹

¹⁴ GÊNESIS 2.20.

¹⁵ SICUTERI 1985, 23.

¹⁶ ROBERT GRAVES apud SICUTERI 1984, 28.

¹⁷ Ibid, 33.

¹⁸ Ibid, 35.

¹⁹ Ibid, 35.

De novo, nós encontramos perguntas e respostas do Rabi Jehoshua: “por que o homem solicita a mulher e a mulher não solicita o homem?” Pois bem, esta é a clamorosa resposta do Rabi a tal pergunta: “A coisa é semelhante a alguém que tenha algo, ele procura aquilo que perdeu, mas aquilo que perdeu não o procura”. É como dizer que a mulher é algo de inanimado ou de irresponsável ou infiel; um total objeto! Mas ouçamos outras perguntas que achamos no Beresit-Rabba: Por que nos funerais as mulheres vão sempre à frente do morto? Respondeu: Porque trouxeram a morte ao mundo, elas precedem o féretro. Por que foi dado à mulher o preceito relativo à menstruação? Respondeu: Porque verteu o sangue de Adão. Por que lhe foi dado o preceito do lume do Sábado? Porque apagou a alma de Adão. Temos já bastante para compreender em que conta era tida a mulher na cultura rabínica patriarcal! Legítima, no plano psicológico, era a reivindicação de Lilith.

No que vimos até aqui, o homem sente que precisa moralizar a mulher. Nesse esforço ele mesmo tem que se moralizar. Se o homem pode tudo, “o homem é obrigado à reprodução, não a mulher” [...] “Foi dito, o homem obriga a mulher a não sair, porque cada mulher que sai, no final cai. Esta é a supremacia do homem sobre a mulher!”.²⁰ Disso gerando conflitos no próprio homem. Se ele “pode tudo”, pode com quem então? Sua moral antinatural acaba projetando e criando uma visão de dois tipos de mulheres, as Evas e as Liliths, ou então símbolos como a bruxa e a fada, a prostituta e a esposa, entre outros.

A SANTA INQUISIÇÃO

*A feiticeira não deixarás viver.*²¹

Temos informações até aqui que nos dão ideia do funcionamento do imaginário masculino em relação a sua projeção da *anima negativa*. Mas, além dos conflitos pessoais entre homens e mulheres, suas projeções rançosas e patológicas, houve um período da história que a religião estabelecida não deixou por menos, foi à luta, ou melhor, foi à caça, às bruxas... O cristianismo só conseguiu se popularizar na Grã-Bretanha após o ano 600 A.D. quando Santo Agostinho fundou a catedral de Canterbury. Décadas depois, a nobreza seguia o cristianismo, porém as massas continuavam a manter seus cultos pagãos:

Para não provocar descontentamento ao seu senhor feudal, eles prestavam aparente serviço ao Deus cristão em suas igrejas de aldeia, aos domingos; mas nas noites de lua cheia, eles se encontravam nas campinas para prestar homenagem ao antigo Deus de chifres.²²

²⁰ ib.

²¹ ÊXODO 22.18.

²² WHEATLEY apud KRAMER; SPRENGER 1976, 09.

Essas reuniões eram os famosos *sabás* celebrados por milênios. Não havia mal nenhum neles: “[...] eram ritos de fertilidade com banquetes, danças e outras alegrias carnavais que a sombria fé cristã negava aos seus seguidores”.²³ Com o tempo as pessoas foram abandonando os cultos pagãos. Com o evento das cruzadas, o apelo da fé cristã ganhou ainda mais força. Assim *Cernunnos*, o benigno e jovial Deus de chifres foi transformado pela igreja em Satã. Mas não o Satã tradicional bíblico, mas um novo Satã reinventado com chifres, cascos e a cauda pontuda, mais parecido com a descrição mitológica grega dos sátiros:²⁴ ser demoníaco de comportamento sexual licencioso e voltado a todos os males, o Diabo em pessoa:

[...] se tornaram reuniões de marginais, ladrões, inimigos da autoridade, de viciados e depravados que procuravam adquirir poderes ocultos a fim de engordar a custas de inocentes e lançar encantamentos contra seus inimigos.²⁵

Esse *underground* demoníaco corria à solta. Feitiços, filtros amorosos, magia negra, encantamentos para matar inimigos, sortilégios, beberagens diversas, estavam na moda, mesmo entre a realeza de diversos países como Inglaterra, Escócia, França, Alemanha e Itália. Encolerizado pela sobrevivência do paganismo, em 5 de dezembro de 1484 a Igreja, nas mãos do papa Inocêncio VIII, declarou guerra ao “satanismo” pela bula intitulada *Summis Desiderantes Affectibus*.²⁶ Inicia-se então o Santo Ofício, a Inquisição com poderes ilimitados de prender e punir os acusados de heresia,²⁷ com a intenção de livrar a sociedade desse grande dano. Apesar do termo bruxaria se aplicar a uma prática tanto de homens como de mulheres, havia um número muito maior delas que repudiavam o cristianismo. Os antigos cultos pagãos não viam como virtudes a submissão feminina, nem sentiam a mulher como inferior. O cristianismo temia as mulheres por serem inclinadas ao engodo e à luxúria, armadilhas criadas por Deus para tentar os homens. Porém, havia outras explicações, mantendo os devidos preconceitos, do maior envolvimento da mulher com a bruxaria:

²³ id.

²⁴ Um bom livro com descrições do esforço da igreja em criar imagens do Diabo ao longo da história é o Diabo, a máscara sem rosto de LUTHER KING.

²⁵ WHEATLEY apud KRAMER; SPRENGER 1976, 09.

²⁶ A primeira bula a esse respeito foi em 1252, *Ad Extirpenda*, de Inocêncio IV (DUMAS 1971, 09).

²⁷ Heresia, do grego *hairein*, significa escolher. Ser herege, no caso da Igreja, é ter feito uma escolha que não foi a “oficial”, portanto, proibida.

Primeiramente as mulheres são mais inclinadas a crer [...] Em segundo lugar, pela própria natureza de sua compleição nervosa [...] são mais facilmente receptivas a impressões [...] Em terceiro lugar, possuem a língua lúbrica e não se preocupam de manter escondidas das outras mulheres, suas semelhantes, as coisas más que aprendem e, quando não têm força suficiente para se vingarem, facilmente procuram vingança por meio de malefícios.²⁸

O livro mais famoso sobre as técnicas utilizadas pelos inquisidores é o *Malleus Maleficarum* (Martelo do Mal ou Martelo das Bruxas ou Feiticeiras). O livro parte de pressupostos irracionais de toda espécie. O texto está dividido em diversas seções trazendo informações de como as bruxas se iniciam, de como são seus métodos de trabalho, dos tipos de proteções preventivas que podem ser usados, dos métodos de sedução adotados pelo diabo em pessoa, as várias maneiras com que as bruxas professam sua heresia, as práticas das bruxas com seus próprios corpos, suas práticas relativas aos outros, aos animais, aos danos que elas causam aos frutos da terra, dos tipos de bruxaria praticados apenas por homens e a remoção da bruxaria dos que estão enfeitiçados:

[...] um homem estava sendo tentado pelo Diabo na forma de uma mulher para copular e perturbou-se grandemente ao ver que o Diabo não desistia. Mas veio à mente do pobre homem que ele devia defender-se tomando sal consagrado, conforme ouvira num sermão. Então, ele tomou um pouco de sal consagrado ao entrar no banheiro e a mulher olhou-o ferozmente e amaldiçoando o Diabo que o houvera ensinado a fazê-lo, desapareceu subitamente. Pois o Diabo pode, com a permissão de Deus, apresentar-se tanto na forma de uma bruxa, como através da posseção do corpo de uma bruxa verdadeira.²⁹

Muitas vezes a atração que um homem sentia por uma mulher não era encarada como algum fenômeno biológico natural, a mulher era a culpada por essa atração diabólica e desviante da conduta moralmente preferível. Houve uma tentativa de estabelecer uma relação desses delitos teológica e juridicamente relevantes cometidos por essas “bruxas”, fixando um cânone geral de caráter criminal baseado em diversas causas:

[...] a carência ou a deficiência da fé católica, a ambição e a luxúria, mas tudo se reduz ao desenfreado desejo sexual [...] por satisfazer sua depravada concupiscência mais ardente que nenhuma outra mulher, são capazes de se converter em prostitutas, em adúlteras, em concubinas de homens poderosos [...] Primeiramente dominam a mente dos homens de amor desordenado. Em segundo lugar, os tornam impotentes. Em terceiro

²⁸ NOLA 1981, 286.

²⁹ KRAMER; SPRENGER 1976, 25.

lugar, removem as partes físicas destinadas à reprodução. Em quarto lugar, transformam com artes prestigiosas os homens em formas bestiais. Em quinto lugar, destroem o instinto gerativo feminino. Em sexto, oferecem os recém nascidos ao demônio.³⁰

Dessa forma, a inquisição perseguiu de forma sádica, um número muito maior de mulheres do que de homens. Bastaria uma pessoa ser acusada por outra, considerada idônea, para que um processo se iniciasse. Foi uma época de medo, de paranóia e maldades. Um mal maior “realizado em nome do bem”, do que todas as acusações em si que incriminavam as supostas bruxas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas representações artísticas sobre bruxaria da época até os dias atuais, estão presentes muito mais imagens de bruxas do que de feiticeiros. A parte masculina geralmente está representada por demônios, Diabos, por figuras antropozoomórficas como o bode de Mendes (Bafomé), talvez como uma “alter-identificação” dos homens nas suas fantasias e sexualidade reprimida, algo para ser mais aprofundado em trabalhos futuros. A descrição dos fatos aqui se deu principalmente através de um viés histórico psicológico, sem levar em conta outras análises de contextos sociais, políticos e religiosos que poderiam fazer parte do fenômeno com um todo. Integrar o homem com seus lados instintivos naturais, adaptá-lo à sociedade e seus valores, obriga a negociações internas constantes para adquirir uma disposição psíquica coerente. Como vimos, nem sempre essas negociações acontecem de forma saudável.

³⁰ NOLA 1981, 290.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília, 1969.

DUMAS, François Ribadeau. *Arquivos Secretos da Feitiçaria de da Magia Negra*. Edições 70. Martins Fontes. São Paulo, 1971.

JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1964.

KRAMER, Heinrick; SPRENGER, Jacobus. *Manual da Caça às Bruxas – Malleus Maleficarum*. Editôra Três. São Paulo, 1976.

NOLA, Alfonso M. di. *Historia del Diablo. Las formas, las vicisitudes de Satanás y su universal y maléfica presencia en los pueblos desde la antigüedad a nuestros dias*. Edaf. Madrid, 1992.

PLATÃO. *Diálogos III A República*. Edições de Ouro. Rio de Janeiro, 1981.
Revista ojodeagua, mitos, simbolos, busquedas. Vol. IX. Número 19. *Femenino-Masculino*. Colômbia, 1996.

SICUTERI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1985.

TÖPFFER, Pierre. *As Missas Negras. Publicações Europa-América*. São Paulo, 1980.